

... Cadernos :: edição: 2003 - Nº 22 > Índice > Resumo > **Artigos**

O Trabalho e a Formação do ser Social : tópicos filosóficos sobre a teoria histórico-cultural

Luiz Carlos N. da Rosa

Nosso trabalho de investigação Teórico-Histórico deu primazia a uma leitura filosófica da Teoria Histórico-Cultural e, ao priorizarmos a categoria Trabalho para o entendimento do desenvolvimento do ser humano, tivemos como pretensão inserir o pensamento de Vygotski, na tradição da teoria social de Marx. Condição essencial para a real compreensão da contribuição de Vygotski para a Teoria do desenvolvimento humano e, ao mesmo tempo, para o campo da Ontologia Materialista de base Marxiana.

Palavras-chave: Trabalho, Ser Social , Vygotski.

A Caminho do Trabalho: (re) encantando a leitura do humano

Vivemos um tempo em que, ultrapassou-se as determinações reais e históricas que dão forma e conteúdo à nossa condição de ser. Ser em ato, real e conseqüentemente histórico. O Ser e o Espírito, o Ser e o Tempo, o Ser e o Nada, o Ser e a Liberdade são todos instrumentos teóricos fossilizados, fazem parte da "pré-história" da Filosofia, são peças de museu.

Segundo os arautos da morte dos tempos modernos, vive-se, hoje, uma "nova História".

Em nosso entender parece existir um paradoxo no atual quadro conjuntural e teórico pois:

Primeiro - Preconiza-se a saída individual para o problema da condição humana e, joga-se estes seres particulares na esfera do mundo cotidiano como única forma de apreendê-lo como produtor e produto de sua Práxis;

Segundo – Universaliza-se as relações de troca como pré-condição a sobrevivência da produção humana e, conseqüentemente, a sobrevivência do ser que produz.

O paradoxo torna-se falso e, efetiva-se realmente como ideologia pois, o que esta em questão e o que interessa nesse cenário social globalizado não é a humanidade que está posta nos seres que produzem e sim, a essencialização do processo de troca e a acumulação do lucro como parte deste processo de troca dos portadores de condições e dos meios de produção, bem como, os portadores dos meios de circulação do capital, materializando esse na sua forma dinheiro, suprasumindo na Forma de capital especulativo.

Este horizonte teórico se institui no fazer acadêmico como: Pressuposto aos processos de descrição das diferentes esferas da vida social na: História, Política, Filosofia, Educação, etc... , e também como normatização das possibilidades do agir humano e, portanto, fundante dos limites dessas mesmas possibilidades.

Nesse contexto, nosso trabalho de investigação Teórico-Histórico, tem como pretensão caminhar orientado por uma concepção teórico-filosófica que seja capaz de romper com esse desencanto das possibilidades humanas de se criar e recriar no processo real da vida, ser este que é parte real de um complexo processo de múltiplas determinações.

Leitura essa que põe na condição do existente, do real, da sociedade e da humanidade, com homens e mulheres, vivendo num espaço vivencial "pós-si-mesmo", impossibilitando, inclusive, a apreensão do ser e do existente como ser que possui e dá sentido à sua história.

Nosso trabalho, de reflexão filosófica sobre a Teoria Histórico- Cultural, pretende apreender um ser humano que tem presente, passado e é capaz de produzir as condições alternativas de um futuro. Parafraseando Vygotski diríamos que é apreender um ser que se desenvolve à medida que estabelece um diálogo com o seu futuro.

Pretendemos instituir esse trabalho como um locus capaz de explicitar um ser humano como produtor e produto das circunstancias sociais e materiais que o definam como ser social , ser que é síntese de múltiplas determinações, portanto, ser concreto.

Desejamos, neste trabalho, reinverter o eixo da análise, pondo na dialética entre objetividade e consciência humana o elemento fundante de um ser social produtor e produto da práxis humana. Ou

seja, estamos circunscrevendo nossa reflexão filosófica sobre e com a teoria Histórico-Cultural no âmbito da Ontologia materialista de base marxiana.

Na Teoria Histórico-Cultural, ontologicamente, o ser humano põe-se como o ser que é produto e produtor da sociabilidade, ser este que pela especificidade da relação que estabelece com o mundo natural o humaniza e, tendo a sociedade como unidade essencial explicita nesse processo relacional a condição específica de sua forma de ser.

Como diria Marx torna possível o naturalismo acabado do homem e o humanismo acabado da natureza. Aqui posto, salientamos o fato que estamos nos movimentando numa perspectiva filosófica que seus fundamentos orientam para a crítica das concepções que têm a teoria como uma instância meramente legitimadora e descritiva de um universo real dado, isto sim, pressupõem a historicidade, a provisoriidade, instituindo-se como uma instância da Práxis que é uma perspectiva, uma possibilidade, um caminho dentre as várias alternativas históricas.

Teoria entendida como explicitação, explicação e transformação real do ser e do universo sócio-histórico, definidor das relações determinantes da concretude do ser social e do mundo. Teoria que é, também, concepção de mundo pois é parte integrante do locus real que a práxis humana deseja transformar.

Assim, diríamos que essa teoria é ao mesmo tempo fundante e fundada pelo processo real da vida. Fundante porque é capaz de explicitar e explicar as determinações sócio-históricas que dão caráter concreto a ação humana em seu mundo. Fundada porque é produto de sujeito reais, que são definidos pelo seu tempo e determinados por sua práxis.

Quando nos detemos na análise dos trabalho produzidos no campo educacional, verifica-se uma consolidação hegemônica pela opção da abordagem epistemológica para a apreensão e descrição do fenômeno, tanto no que diz respeito aos sujeitos que produzem essa prática específica como dos objetos que dão sentido e circunscrevem esse lugar de investigação.

Adotamos, então, uma postura dialética, histórica e materialista, pressupondo dessa forma, um ser que se define humano pelo fato de ser ao mesmo tempo objeto e atividade, tendo sua gênese na e pela produção da história, salientando ainda que o objeto não vai se por como plena exterioridade, torna-se posto pelo fato de também ser, segundo Vygotski(1995,p100) um nexos complexo de indícios e relações, sendo que, a natureza influencia sobre o ser humano, mas, este por sua vez agindo sobre a natureza cria novas condições naturais para a produção de sua existência.

O caminho para a ontologia histórico-materialista: o trabalho

Nosso ponto de partida, para encaminharmos o trabalho de reflexão sobre o pensamento de Vygotski e sua inserção no plano da ontologia liga-se ao fato de entendermos que é impossível apreender o real significado da contribuição da teoria Histórico-Cultural vygotskiana sem ligá-la a sua grande matriz filosófica isto é, ao materialismo marxista.

Segundo Vygotski (1995,p48) a revelação total do método deve ser o objetivo da obra em seu conjunto e, o conjunto da obra desse autor, o enfrentamento dos problemas teóricos e práticos que ele pretendeu resolver, tem uma coerência e aderência inquestionável à dialética de base marxista.

A premissa vygotskiana é, a possibilidade humana do movimento, da transformação e, seu vir-a-ser vai depender das alternativas históricas que foram sendo escolhidas e construídas no processo real da vida. Relações estas sempre mediatizadas onde, os mediadores possuem um papel central na escolha das alternativas que possibilitam seu tornar-se outro, qualitativamente superior. A apreensão dos problemas reais que se propôs estudar, tanto teórico como práticos sempre foram aprendidos em sua processualidade, não apenas no sentido de entender o que é e o que foi mas, para extrair deste movimento histórico as condições reais para mediatizar o desenvolvimento real dos indivíduos sociais.

Segundo Vygotski (1995, p65), a processualidade da humanidade e do mundo é um pressuposto fundamental do método dialético sendo que, este movimento se materializa e é materializado na história. Para nosso autor a luz da história ilumina o presente e nos explicita como seres que põe e são postos pela temporalidade pois, na história encontramos-nos simultaneamente em dois planos: o que é, o que foi . É o final do elo que une o presente com o passado.

O fenômeno especificamente humano de produção da história e de ter a gênese na história torna-se pressuposto para o entendimento à todas as formas de manifestações efetivamente humanas: a ciência, a arte, a técnica, a ética, a filosofia, a educação, etc. Esse ato de tornar-se na história é, ao mesmo tempo uma manifestação da prática humana e um ato de conhecimento, de um ser genericamente humano.

Segundo Marx (1974.p47) um ato histórico é um ato consciente e por ser consciente é um ato humano

segundo Marx (1995,p11), entre os momentos e em seu conhecimento e por ser consciente e um ato humano que, sendo um ato consciente tende a superação, tendo em vista que é neste atuar que o homem como ser genérico deve confirmar-se tanto em seu ser como em seu saber. É na Práxis que o ser humano deve demonstrar a verdade, o saber, a efetividade e o poder, a criterioridade de seu pensamento. A disputa sobre a efetividade ou não efetividade do pensamento isolado da Práxis – é uma questão puramente escolástica.

São esses pressupostos filosóficos que orientaram Vygotski em todos os momentos de seu enfrentamento teórico-prático dos problemas a serem resolvidos. O caráter processual e histórico dos fenômenos será o orientador da opção metodológica de todo o trabalho de Liev Seminovich Vygotski. Não é a identidade, nem a dicotomia, mas a unitariedade da concretude do real o fundamento básico vygotkiano para o estabelecimento metodológico ao estudo do fenômeno humano na sua condição específica de ser social.

Quando se estuda Vygotski, a partir de sua obra, observa-se a manifestação das categorias sempre apreendidas em pares, como exemplos, pensamento e linguagem, conhecimento cotidiano e conhecimento científico, funções psicológicas rudimentares e funções psicológicas superiores, aprendizado e desenvolvimento e sociedade e indivíduo.

A unitariedade e a processualidade com que estão relacionadas estas categorias, e a centralidade do trabalho no estudo de Vygotski da gênese e o desenvolvimento do ser humano e o seu tomar-se através da prática social leva-nos a entendê-lo no plano da ontologia histórico-materialista.

A dinamicidade do ser social no real concreto, no cotidiano, mediatizando sua práxis pelo trabalho, pela linguagem, e pelo saber, são também, elementos fundantes de sua ontologia e determinante de seu método. Para Vygotski(1995,p67) estudar algo historicamente significa estudá-lo em seu processo de mudança, sendo isso, a exigência fundamental do método dialético.

Em Vygotski(1995,p102), o fenômeno não se define por sua forma externa, mas sim, por sua origem real e é neste sentido que, para ser coerente metodologicamente, nosso autor recorre a dialética marxista e, ao estudar as condições objetivas que possibilitaram o surgimento do ser humano e sua condição de desenvolvimento produziu o que chamou de análise genética.

Esta análise, deve restabelecer geneticamente [gênese] todos os momentos do desenvolvimento, apreender toda forma superior de conduta, não como um objeto e sim como um processo e, deve-se estudá-lo em movimento para não ir do objeto às suas parte e sim do processo a seus momentos isolados.

É a base dinâmico-causal, a gênese e o desenvolvimento, as causas e as condições, os vínculos reais que constituem um determinado fenômeno. Isto porque, Vygotski não está interessado nas formas superiores das funções psicológica superiores, mas na determinação das condições reais de seu aparecimento, aprendido sempre em formas provisórias e históricas.

Para Vygotski (1995,p105), não interessa apenas o resultado acabado do desenvolvimento, mas buscar o balanço ou o produto do desenvolvimento, isto sim, o que tem interesse é o próprio processo de aparecimento ou estabelecimento de sua forma superior tomada em seu aspecto vivo.

Isto posto, justifica o seu grande interesse pelo estudo da vida cotidiana e o conhecimento cotidiano pois, como uma esfera social e concreta da vida humana, pode ser, um locus privilegiado de manifestação de formações históricas complexas de épocas remotas do desenvolvimento da humanidade, formas estereotipadas, petrificadas e fossilizadas, surgidas em etapas mais primitivas do desenvolvimento cultural.

Essa forma dinâmica de apreender o fenômeno humano pode elucidar, de forma científica, a pré-história do pensamento humano, seu aparecimento e suas fases de mudança o que, segundo nosso autor, implica na manifestação real de sua natureza e ao mesmo tempo pode mostrar o mecanismo possível de conhecimento da essência humana.

Sua elucidação plena somente pode ser possível em uma ciência histórica, que torne explícito as relações entre o mundo inorgânico e orgânico e esses com a vida social. A base inorgânica e orgânica como uma pré-condição histórica do surgimento da forma nova que, é a condição humana de existência mas, não como a explicação última do fato social.

A teoria Histórico-Cultural de Vygotski(1995,p65) está interessada, também, em explicar como ocorreu o salto dialético das formas de vida animal para a forma especificamente humana de vida social.

A teoria da Natureza Humana de Vygotski não é um inventário antropológico das condições e formas de vida que, historicamente, foi consolidando a especificidade que tornou-se humana. É uma ontologia do ser social que manifesta as mediações reais que tornaram possível essa forma nova de existência.

O estudo da existência humana e seu complexo processo de relações para seu desenvolvimento possível compreende-a em uma totalidade concreta, onde esta realidade, enquanto forma de existência, a vida cotidiana, o conhecimento cotidiano, as práticas sociais e as funções rudimentares tornam-se o ponto de partida da investigação histórica para verificar como se vincula o passado e o presente.

Ciência esta que não apreende o passado apenas como passado, como um dado antropologicamente empírico, mas sim, o passado tomado no sentido ontológico pois, segundo Vygotski(1995,p145) , este passado faz-se sentir no presente, o influencia. No dizer de Vygotski a etapa velha não desaparece quando nasce a nova isto sim, é superada pela nova, é dialeticamente negada por ela, transforma-se nela e existe nela.

Além desses elementos fundantes da teoria Histórico-Cultural, sua ontologia, põe no trabalho a categoria e a atividade fundante da gênese e desenvolvimento de ser social.

Pondo no trabalho a categoria e a atividade central fundante de sua ontologia, na produção de homens e mulheres como seres sociais, Vygotski, afasta a teoria Histórico-Cultural do naturalismo biologicista, bem como do subjetivismo idealista, e evidencia a dialética como seu instrumento teórico e prático para manifestar a diferença qualitativa entre a vida animal e a vida social, tornando-se capaz de descrever e explicar o salto ontológico da vida meramente biológica do ser animal para a vida social do ser humano.

Para Vygotski(1995,p132) hoje em dia trata-se de conseguir um novo conceito para Ciência que nos permita sair do cativeiro biológico da psicologia e, passar para o terreno da psicologia histórico-humana. É a sociedade e não a natureza que deve figurar em primeiro lugar como fator determinante da conduta humana e ainda, segundo Vygotski(1995,p61) , é impossível admitir que o trabalho, que modificou profundamente o modo de adaptação da humanidade à natureza, não tenha relação com as transformações produzidas em sua conduta.

Essa ontologia do ser animal busca a gênese e a dinamicidade, a processualidade que se verifica no seu vir-a-ser do seu tornar-se, pelo fato deste ser novo, social, ser capaz de tornar as relações que na vida primitiva eram dadas de forma imediata, esse, ser social o torna mediatas.

Assim, o rudimentar, o fossilizado, como ponto de partida do estudo das formas superiores de conduta, tornam-se vestígios vivos de épocas remotas, provas evidentes sobre sua origem, enfim, importantíssimos sintomas históricos que, segundo Vygotski(1995,p65) devem ser apreendidos como resíduos vivos do desenvolvimento histórico da conduta humana e não da evolução biológica.

Para qualificar sua relação com o mundo natural o ser humano interpõe o instrumento de trabalho como o mediador entre ele e a natureza. Este ato prático de manipulação da natureza produz um verdadeiro ato de conhecimento produtor do humano pois, a utilização desse instrumento sintetiza em si uma generalização que, pela universalidade que assume na vida cotidiana, põe efetivamente a possibilidade de tornar mediado aquilo que era dado imediatamente.

Este salto ontológico ou este salto dialético tornou-se possível pela criação de necessidades novas. A criação do humano foi o produto histórico de uma verdadeira revolução das necessidades. É a passagem da quantidade para a qualidade.

O ser humano qualificou o nível de suas necessidades e isso como o produto, também histórico, da qualificação de suas relações com a natureza. Neste contexto Vygotski(1995,p62) vai parafrasear Hegel afirmando que algo é o que é em função de sua qualidade e quando a perde deixa de ser o que é porque o desenvolvimento da conduta, desde o animal ao ser humano, deu origem a uma qualidade nova.

Segundo Vygotski esta é sua tese principal.

A criação do ser humano, através da História, para Vygotski, não pode ser explicada por uma simples complexificação das relações, nem por um aumento quantitativo, isto sim, o salto dialético do animal ao humano, somente pode ser explicado pela transformação-revolução do elemento quantitativo ao qualitativo.

O Método Vygotskiano: novamente o trabalho

A ontologia de Vygotski e o pressuposto de seu método têm, rigorosamente, uma vinculação com a teoria social marxiana e sua original leitura do processo real da vida e da dinâmica de sua apreensão.

Karl Marx (1974), em as Teses contra Feuerbach, observa que toda a tradição materialista até então desenvolvida apreende a práxis humana de forma subjetiva onde a efetividade, a sensibilidade são captadas apenas sob a forma de objeto.

A dialética para dar concreção a apreensão do mundo da vida estabelece o objeto não apenas como objeto e sim de forma ativa, isto é, como atividade humana, ou seja, como práxis.

Para Marx e Engels(1984,p25), o desenvolvimento universal do gênero humano não pode ser apreendido de forma subjetiva. A emancipação-libertação real do ser humano, segundo Marx, somente é possível no mundo real através de meios reais. É a sociedade humana o lócus da intervenção transformadora. A linguagem da vida real não é determinada pelo pensamento abstrato e sim pelo reflexo da atividade material e do intercâmbio material.

A atividade real na vida real produz e reproduz as idéias, as representações e a consciência humana.

Segundo Vygotski(1995, p.62), o domínio da natureza e o domínio da conduta estão reciprocamente relacionados. Assim, a transformação da natureza pelo homem implica também a transformação de sua própria natureza, isto é, a humanidade ao agir sobre a natureza vai criar através das transformações nela efetuada novas condições de existência.

É através do trabalho e dos instrumentos de trabalho que a humanidade vai produzir suas mediações com o mundo material natural sendo que essa intervenção ativa quando posta ao seu domínio produz novas formas de conduta e consequentemente novas formas de ser.

Neste contexto de reflexão Vygotski vai afirmar que, enquanto o trabalho vai mediar as trocas materiais do seres humanos com a natureza e pela ação dialética produz modificação em ambos, o signo enquanto estímulos artificiais, produzidos pelo ser humano, vai possibilitar as mediações sociais entre os seres humanos no interior de uma determinada formação social.

O trabalho medeia as trocas materiais e produz modificações nos sujeitos que trabalham, o signo vai ser utilizado como um princípio regulador da conduta humana produzindo, também, novas significações, a partir, é claro das relações concretas de homens e mulheres no contexto de uma sociedade determinada. No dizer de Vygotski um homem influencia outro através da linguagem.

Quer dizer, no plano das relações sociais e humanas, a linguagem torna-se responsável pela mediação social de comunicação e interação.

O trabalho e a linguagem, enquanto atividades mediadoras, são determinantes para a transformação ativa da natureza humana constituindo-se, segundo nosso autor, a base real de toda a história humana. Parafraseando Marx, diríamos que quanto mais intensa e ativa as relações humanas e quanto mais complexo o conjunto dos mediadores destas relações, maior será a riqueza espiritual do ser humano.

Esta reflexão teórico-filosófica, em nosso entender, forma em seu conjunto os fundamentos da ontologia e do método vygotskiano. Frisamos aqui, novamente, a importância atribuída à processualidade e à unitariedade do devir humano da teoria Histórico-Cultural.

No que tange à concepção do método, Vygotski, materializa esses fundamentos ontológicos afirmando que o estudo do desenvolvimento humano, via historicização deve ser iniciado pelo entendimento e explicação das chamadas funções rudimentares e pela observação dos fatos da vida cotidiana.

O método de investigação dos processos de desenvolvimento do ser humano foi denominado por Vygotski(1995, p.105,106) de o método concreto, sendo que primeiro, deve ser apreendido como um pré-requisito e um produto do processo investigativo e, segundo, entender como um instrumento bem como um resultado do estudo.

Sua ligação a ontologia histórico-materialista, em nosso entender, se explicita de forma rigorosamente clara quando postula para o método concreto a necessidade de:

1. Dar primazia à análise do processo, à análise do objeto;
2. Análise que revela as relações dinâmicas ou causais, reais, explicativa e não apenas descritiva;
3. Análise do desenvolvimento com retorno a gênese para entender o processo de mudança, reconstruindo todos os pontos desse processo para compreender sua dinâmica.

Vygotski vai nos afirmar que isso constitui suas três teses ou momentos fundamentais que, ao serem tomados em conjunto, representam uma forma original e rigorosamente nova de entender o desenvolvimento do ser humano que vai da sua gênese até suas formas superiores. Neste contexto o ser humano não é definido apenas no plano psíquico, como supunha a teoria descritiva, nem se põe como uma simples soma de processos elementares como afirmava a teoria associacionista. Constitui-se, sim, em forma qualitativamente nova, manifestando-se no processo de desenvolvimento real do ser novo, tornando-se assim os fundamentos da teoria Histórico-Cultural.

Na definição da teoria Histórico-Cultural, que vimos definindo como a ontologia de Vygotski, observa-se a centralidade da categoria mediação, pondo-se nela o trabalho e a linguagem que aparecem como elementos fundantes do ser humano e da sociedade. Dentro desse contexto Vygotski (1995, p.93) vai

citar Hegel dizendo que este, com toda razão, atribui um significado mais geral ao conceito de mediação, considerando-a como a propriedade mais característica da razão, sendo que esta atividade mediadora permite aos objetos atuarem reciprocamente uns sobre os outros em consonância com sua natureza e, atingindo, no processo, seu próprio objetivo.

Para evidenciar em sua ontologia a centralidade dos processos mediadores, tanto no que diz respeito ao processo de desenvolvimento do ser humano, como ao processo de apreensão deste vir-a-ser do humano na concretude da vida real e, aqui, Vygotski vai desenvolver um estudo sobre as afinidades e diferenças entre as categorias ferramentas de trabalho e a função instrumental dos signos.

Ao estudar esses processos de desenvolvimento e apropriação Vygotski elenca três teses que afirma serem fundamentais:

1. Semelhança entre signos e ferramentas de trabalho;
2. Diferenças entre os signos e as ferramentas de trabalho;
3. Relação psicológica entre as duas formas de atividade.

Em Vygotski (1995, p.91), essas duas categorias, uso de ferramentas de trabalho e uso dos signos, são suprassumidas em uma categoria mais ampla que ele denominou de atividade mediadora salientando, no entanto que do ponto de vista da práxis real do ser humano essas atividades possuem diferenças quanto a sua natureza e seu papel histórico no processo real da passagem das formas rudimentares as formas superiores das diferentes etapas de manifestação real das formas de existência do ser humano.

No dizer de Vygotski, ao seu tempo o aparecimento de cada forma nova significava uma nova vitória do homem sobre sua própria natureza, uma nova época na história das funções. Constituem as vias reais de comunicação pelas quais outrora ultrapassava a humanidade as fronteiras da existência animal. Historicamente esses processos mediadores são a gênese do ser humano e, ao mesmo tempo, estímulos artificiais criados pelo ser que tornou-se ontologicamente social e humano.

Criando um motivo como pressuposto básico a produção de uma necessidade nova, como produto da práxis real, e tendo seus fundamentos nas condições objetivas postas pela efetividade, o ser que viria se tornar humano interpôs entre ele o mundo natural um estímulo-meio como instrumento da atividade humana, tomando possível a aparecimento de novas formas de efetividade e em consequência gestou um ser ontologicamente novo.

Utilizando-se da Dialética da Natureza de Engels, Vygotski (1995, p.93) vai salientar que na história em ato a inteligência humana foi crescendo na mesma proporção em que o homem foi aprendendo a transformar a natureza.

Buscando as diferenças desses processos mediadores, uso de ferramentas e uso de signos, Vygotski (1995, p.2) irá salientar que a ferramenta se propõe a função mediadora de algum objeto ou o meio de alguma atividade, são meios de trabalho que servem para dominar a natureza e produzir mudanças no objeto da atividade, enquanto que o signo não provoca modificação no objeto da operação psicológica e é o meio que dispõe o homem para influenciar psicologicamente sobre sua própria conduta e a dos outros, é um meio para produzir sua atividade interior, dirigida para o conhecimento de sua própria forma de ser.

Observe-se aqui novamente, a dialeticidade, isto é, essas categorias postas como manifestação de existência são diferentes em seus processos, não são idênticas, mas para Vygotski, desenvolvem-se de forma unitária. Parafraseando Marx, diríamos que para conhecer uma determinada formação histórica não basta observar o produto do processo de trabalho, e sim, deve-se tornar manifesto o como se faz, com que meios desenvolveu-se esse processo.

Vygotski afirma que o mesmo que a utilização de uma ou outra ferramenta determina todo o mecanismo da operação de trabalho, assim como também o tipo de signo e a forma de sua utilização constitui o fator fundamental de que depende a construção de todo o processo do desenvolvimento do ser humano. Vejamos a base material, o nexos real entre essas duas categoria mediadoras, ontologicamente gestoras do ser humano, enquanto um ser que se põe e se repõe em relações especificamente sociais.

Entendemos, com Vygotski, que o trabalho mediatiza as relações do ser humano com a natureza mas ao mesmo tempo, o trabalho é mediatizado pelos instrumentos de trabalho e pela sociedade humana. Quer dizer, o trabalho, como uma atividade humana, vai mediatizar as relações reais do ser humano mas, relações essas manifestas necessariamente no interior de uma formação social.

O processo de trabalho gesta novas necessidades postas como parte de um movimento histórico de coletivização das relações, fundadas estas pelas novas condições objetivas, objetivando nessa nova esfera de determinações o real processo de ominização.

O trabalho, segundo a ontologia vygotskiana, põe-se como a gênese do ser do humano e esta inicia-se na filogênese terminando na ontogênese.

Para Vygotski (1995, p.89), no processo de trabalho põe-se em manifesto pela primeira vez a história, não apenas da evolução natural e torna-se um marco referencial da produção da história das relações sociais, verdadeiramente humana.

Com o trabalho, torna-se evidente a necessidade, do ser ontologicamente novo, ter que desdobrar suas funções no interior dessa nova prática. Vygotski (1995, p.148) afirma que quando se examina as formas iniciais da atividade de trabalho verifica-se a divisão em função executora e função diretiva. Quer dizer, com o trabalho e a divisão do trabalho deu-se, historicamente, a pré-condição para o aparecimento e o desenvolvimento do ser da humanidade.

Esta nova forma de agir de ser no mundo produz um rompimento com o devir meramente biológico pois, materializa-se em posições teleológicas, isto é, o novo ser ao se tornar através dessas práticas sociais separa seus motivos do existente material através do processo de trabalho o ser humano manipula as propriedades dos objetos realmente existentes, adequando-as, pelo prévio conhecimento aos motivos/fins previamente estabelecidos.

No trabalho humano concreto o ser humano mediatiza, torna realmente relacional o resultado de sua ação imediata com o resultado final da sua atividade. Torna mediado aquilo que no ser natural-animal é dado imediatamente.

O trabalho é a manifestação histórica que torna possível o aparecimento da razão, da reflexão ou a consciência humana, como produto também histórico desse processo relacional. O ser humano torna-se ser consciente exatamente pelo fato de produzir, nesta forma de práxis, a unidade real entre os objetos de sua atividade (o realmente existente) e os motivos de sua ação (a prévia ideação).

Karl Marx (19968, p.203) afirma que é o ser humano que vai construir seus objetos de trabalho filtrando-os do objeto universal do trabalho humano (natureza), separa-os de sua conexão imediata, onde o sujeito que trabalha insere entre ele e o objeto de trabalho um complexo processo de mediações que servirá, inclusive, para dirigir sua atividade sobre esse objeto.

A gênese do ser social, na ontologia histórico-materialista, repõe o processo unitário do devir desse novo ser no e pelo trabalho por esta nova forma de produção cria novas efetividade apartir de uma manifestação objetivamente nova, determinadas originalmente pela explicitação das posições teleológicas postas pelo trabalho.

Para Marx (1968, p.202) os elementos componentes do processo de trabalho são:

1. Atividade orientada a um fim, isto é, o próprio trabalho;
2. A matéria que se aplica o trabalho, o objeto do trabalho;
3. Os meios de trabalho, o instrumental de trabalho.

O trabalho enquanto atividade especificamente humana é determinada pela manipulação, transformação nos objetos de trabalho, sempre postas, objetivamente, em função de um fim, previamente determinado. A causalidade da natureza torna-se pelo trabalho motivo humano.

Segundo Marx (1968, p.205) o trabalho incorpora-se ao objeto e a matéria é transformada, sendo que, este movimento de tornar ato a transformação torna-se qualidade fixa no produto do trabalho. Quer dizer este movimento apresenta-se em um duplo sentido, isto é, dialetizando-se com a natureza pelo trabalho, o ser que torna-se humano, humaniza também a natureza.

O trabalho, enquanto atividade social, cria a necessidade da interação e relação entre os seres produzindo assim, uma nova necessidade, a comunicação. O pôr teleológico do trabalho, ontologicamente, produz o ser, a sociedade e a linguagem.

A divisão social do trabalho, historicamente, foi determinante para a produção de mediações que possibilitaram o estabelecimento de relações sociais e, pela apropriação consciente desta nova objetividade, tornou o ser novo capaz de criar, planejar e optar por novas possibilidades ou novas alternativas.

Vygotski ao centralizar-se na história para compreender e explicar a dialética do devir humano salienta que é um marco para o processo de desenvolvimento da humanidade quando os seres individuais tornaram-se uma verdadeira síntese destas novas atividades sociais. As práticas sociais refletem-se na consciência individual e produz o ser particular e sua consciência.

A dicotomia entre o executar e o dirigir, característica das divisões sociais do processo de trabalho primitivo, tornam-se síntese e unitário em uma consciência individual. Vygotski (1995, p.148) vai nos afirmar que um passo importante na evolução do trabalho foi quando a atividade de vigilância e a de escravo se uniram em uma só pessoa.

Aquilo que era parte de um projeto social torna-se, pelo reflexo destas relações, síntese individual. A experiência das práticas sociais foram, historicamente, cristalizando-se na consciência humana. O ser humano pela atividade de trabalho torna-se um ser consciente, e põe significado a suas práticas sociais. Este processo torna-se radicalmente revolucionário na medida em que o trabalho além de produzir, ontologicamente, seres que se relacionam teleologicamente com o mundo, produzem conhecimentos que se universalizam a partir destas relações. A evolução do ser humano e a evolução do trabalho vão produzindo novas formas de linguagem responsáveis pela tradução e universalização do conhecimento humano.

Pelo fato de estarmos interessados em desvelar o trabalho como uma categoria ontológica central na produção do ser humano, tendo como base o pensamento de Lev Semionovich Vygotski pensamos que, além da base histórico-materialista marxiana, ele refaz uma leitura crítica do idealismo objetivo de Hegel. Quando Vygotski nos afirma que a síntese ou a unidade dialética da função de vigilância e de escravo em um só ser humano representou um dos maiores saltos no desenvolvimento da humanidade, pensamos que, em tese, Vygotski vai dar forma concreta e histórica a metáfora do senhor e do escravo, que em Hegel era apreendida de forma subjetiva.

Não devemos esquecer que Vygotski lembra muito bem nessa passagem que, o trabalho vai aparecer em Hegel como a categoria responsável pela mediação entre o ser e a natureza. Em a Fenomenologia del Espíritu, Hegel (1991,p.120) vai nos afirmar que é através do movimento do trabalho que a consciência torna-se capaz de chegar a si mesma. Deixa de ser consciência em si e torna-se consciência para si.

No início o senhor era a consciência independente porque não entrava em contato direto com o objeto e ao mesmo tempo determinava o que deveria ser manipulado nas propriedades desse, para transformá-lo, para torná-lo uma outra natureza. O escravo manipulava as propriedades do objeto de forma imediata sendo então a consciência dependente. O processo de trabalho era concebido pela consciência do senhor, manifestando-se como externalidade no escravo.

Quando o trabalho deixa de ser uma atividade estranha e torna-se manifestação da consciência de quem trabalha, torna-se mediador e formativo e aquele que trabalha torna-se a verdadeira consciência, ou seja, independente. Segundo entendemos nesta análise subjetiva da relação senhor-escravo, em Hegel, no momento em que o escravo se apropria, conscientemente do significado social destas relações o trabalho estabelece, socialmente e individualmente, uma nova forma de produzir, produzindo assim um novo ser social que trabalha.

A síntese dialética do senhor-escravo, do vigilante-executor do intelectual-manual põe se historicamente pelo trabalho. Vygotski, em nosso entender vai a Hegel e repõe o sentido histórico-concreto da categoria trabalho. Sendo este, também, uma das gêneses filosóficas da ontologia vygotskiana.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia, Editora Mestre Jon, São Paulo, 1982.

ANTUNES, R. e RÊGO, W.L. Lukács: Um Galileu no século XX, Jinkings editores, São Paulo, 1996.

AUGUSTO, A.G. Queda da taxa de lucro e acumulação em Marx, Dissertação de Mestrado, UFF, Niterói, 1994.

BEDESCHI, G. Alienacion y Fetichismo en el Pensamiento de Marx, Alberto Corazon Editor, Madrid, 1975.

BLANCK, G. Vygotski: O homem e sua casa, in Vygotski e a Educação, Artes Médicas, Porto Alegre, 1996, pag 57-83.

BOTTOMORE, T. Dicionário do pensamento marxista, Zahar, Rio de Janeiro, 1988.

FREDERICO, Celso. O jovem Marx (1843-44: as origens da ontologia do ser social), Cortez, São Paulo, 1995.

HEGEL, G.W.F. Fenomenologia Del Espíritu, Fondo de cultura Económica, México, 1991, Octava reimpresión.

LEONTIEV, A.N. Actividad, consciencia y personalidad, Ediciones Ciencias del hombre, Buenos Aires, 1978.

LESSA, S. Habermas e Lukács: método, trabalho, objetividade. Edufal, Maceió, 1996.

LUKÁCS, G. Para ontologia do ser social, tradução de Mário Duayer, versão preliminar, UFF, Rio de Janeiro, 1996.

- Neopositivismo, primeira seção do primeiro capítulo, Neopositivismo e Existencialismo da obra *Zur ontologie des Gesellchatlichen seins*, tradução Mário Duayer, UFF, Rio de Janeiro, versão preliminar, s/data;- O trabalho, tradução Ivo Tonete, primeiro capítulo do segundo tomo de *Per una Ontollogia Dell'essere Sociale*, UFA, Alagoas, s/data,
- Introdução a uma estética marxista, civilização brasileira, Rio de janeiro, 1978.
- Meu caminho para Marx, Revista Ensaio, Marx hoje, ano V, nº11/12, Editora e Livraia Escrita,
- Ontologia do ser social: A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel, Ciências Humanas, São Paulo, 1979.
- As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem, in temas de ciências humanas, nº4, Ciências Humanas, São Paulo, 1978, pág. 1-18.
- Conversaciones con Lukács, Alianza Editorial, Madrid, 1971.
- MARX, K. O Capital, livro 1, volume 1, civilização brasileira, Rio de Janeiro, 1968.
- Manuscritos economico-filosóficos e outros textos escolhidos, in coleção Os pensadores, primeira edição, Abril culturas, Rio de Janeiro, 1974,
- Sociologia, Quarta edição, coleção Grandes Cientistas Sociais, Ática, 1984.
- MARX, K e ENGELS, F. A ideologia Alemã: Teses sobre Feuerbach, Moraes Editora, São Paulo, 1984.
- Obras escolhidas, Alfa-omega, São Paulo, s/data.
- MORAES, M. C. M. Repensando a crise: Morte do real ou derrota do pensamento?, CED/UFSC, Florianópolis, doc. Interno, 1997.
- Os "Pos-ismos" e outras querelas ideológicas, perspectiva, Florianópolis, 1996, pág. 45-49
- ROSA, A. e Montero, I. O contexto histórico do trabalho de Vygotski: Uma abordagem socio-histórica, in Vygotski e a educação, Artes Médicas, Porto Alegre, 1996, pág. 57-83.
- RUBINSTEIN, S. L. El ser y la consciencia, Ediciones Pueblos Unidos, Montevideo, s/data.
- THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser, Zahar, Rio de Janeiro, 1981.
- VYGOTSKI. Obras Escogidas, Tomo II e III, Visor, Madrid, 1995 (Tomo III), 1993 (Tomo II);
- Pensamento e Linguagem, Martins Fontes, São Paulo, 1996;
- Formação Social da Mente, Martins Fontes, São Paulo, 1988.

[Edição anterior](#)
[Página inicial](#)
[Próxima edição](#)

Cadernos :: edição: 2003 - Nº 22 > Índice > Resumo > **Artigos**